

O PENSAMENTO GEOGRÁFICO, A SOCIEDADE E A NATUREZA

José Henrique R. STACCIARINI*

"O conhecimento geográfico passa por diversas interpretações, inúmeras teses, muitos conceitos e múltiplas teorias."

(Eguimar Felício Chaveiro)

Segundo João Alves de Castro as categorias utilizadas pelos geógrafos – quer se trate de lugar, natureza, cidade, região etc. – estão sendo colocadas em xeque e se encontram debatidas com grande intensidade.

Na verdade, o conhecimento geográfico passa por diversas interpretações, inúmeras teses, muitos conceitos e múltiplas teorias (CHAVEIRO, 1995).

Antônio Carlos R. Moraes tem colocado que o pensamento geográfico tem sido analisado por diversas concepções metodológicas que passa desde influências marxistas, estruturalistas até as influências pós-modernas e ecléticas.

No fundo, são utilizados autores dispares como Marx, Lenin, Sartre, Foucault, Adorno e Mao Tse Tung. No Brasil vale citar autores da Economia, da Sociologia, da Filosofia, da História que influenciam profundamente a Geografia Brasileira. Entre tantos merecem citar José de Souza Martins, Otávio Ianni, Marilena Chauí, Francisco de Oliveira, Celso Furtado e Paul Singer.

Diante de tal complexidade podemos afirmar que a compreensão da construção do Pensamento Geográfico, a Sociedade e a Natureza varia significativamente no espaço e no tempo. (CHAVEIRO, 1998).

No interior do vasto grupo de autores que trabalha a questão da Relação Sociedade Natureza podemos destacar Horieste Gomes, Samuel do Carmo, Carlos Walter Porto Gonçalves, Carlos Augusto Monteiro, Hideo Sudo, Aziz Ab'sáber e Messias Modesto.

Entender a Relação Sociedade x Natureza é, no fundo, compreender a relação de interdependência de toda a história humana em estreita relação com a natureza na busca da sobrevivência de espécie humana, a qual se diferencia das demais espécies animais por ser racional e ser capaz de mudanças profundas na natureza a partir da variável do trabalho (GOMES, 1982).

Durante milhares de anos, o homem se relacionou com a natureza na busca de alimentos que eram arrumados através da coleta, da caça e da pesca. Este é o período denominado como Paleolítico ou Idade da Pedra Bruta.

Por volta de 10.000 a.C a 4.000 a.C, se estabelece, em muitos lugares do mundo, a Revolução Neolítica ou Revolução da Pedra Polida. É o período da descoberta da agricultura que responde por melhores condições de vida para toda a espécie humana.

* Doutorando no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 – Presidente Prudente – SP – Brasil.

Na Antigüidade Clássica dá-se a formação de grandes impérios escravagistas com destaque para as civilizações dos Gregos e dos Romanos que, juntos, dominam grandes espaços do mundo influenciando a muitos nas mais diversas áreas de conhecimento.

Considerado um dos grandes nomes da Geografia da Grécia daquele momento podemos frisar a pessoa de Ptolomeu com a publicação de sua "Geografia" em oito volumes.

Na Idade Média, a influência religiosa influencia profundamente os estudos sobre a Sociedade, a natureza e a Construção do pensamento geográfico. Muitas lendas, utopias, mentiras e medos povoam as "construções intelectuais" daquele momento onde o modo de produção era o Feudalismo, com grandes extensões de terras (os feudos) sendo trabalhados pelos servos da gleba que não detinham os meios de produção.

No período de transição do Feudalismo para o Capitalismo as grandes invenções técnicas, as longas navegações e o renascimento das pesquisas e dos saberes vai substituindo o modo teocêntrico para uma concepção heliocêntrica.

Os grandes estudos de Copérnico, Galileu, Mercator, Kepler e Newton sepulta a grande influência religiosa e propicia o surgimento e o avanço do pensamento geográfico em bases mais sólidas.

Um conjunto de inovações técnicas iniciadas na Inglaterra no final do século XVIII permite uma sistematização ainda maior dos conhecimentos nas áreas da Mecânica, da Física, da Astronomia vinculados agora ao processo da produção em grande escala.

A maquinofatura ou Revolução Industrial é chamada pelo Armen Manigoniam com o nome de Primeira Revolução Industrial, cujo marco fundamental é o aperfeiçoamento da grande utilização da Energia a Vapor aplicada ao transporte ferroviário e a grande produtividade da indústria têxtil inglesa.

Segundo Manigonian, partindo da primeira revolução industrial acontece a Segunda Revolução Industrial nos Estados Unidos e na Alemanha no contexto da Segunda metade do século XIX. Vale destacar aqui as inovações nas áreas da energia elétrica, da elaboração do aço e da invenção do motor à explosão.

A partir do contexto destas duas revoluções industriais a compreensão da Relação Sociedade x Natureza torna-se muito mais complexa. Paralelamente é, também, no século XIX que a Ciência Geográfica vai conhecer uma ebulição profunda (Chaveiro, 1994)

Milton Santos coloca, por exemplo, que até o século XIX é período da "Generalização da Geografia" enquanto que Nelson Werneck chama este período da "Pre-História da Geografia". Já Antônio Carlos R. Moraes fala que este é "o momento da sistematização da Geografia".

Quanto às bases teóricas e filosóficas da Gênese da Ciência Geográfica também não se têm uma única opinião ou idéia que prevaleça de maneira absoluta. Rui Moreira fala das bases da Geografia Moderna vinculado ao Kantismo, enquanto que Quaini e Carlos Silvio Bray destaca a importância do Darwinismo Social. Jose Wilian Vesentini frisa a complexidade oriunda de matizes que enfatiza a grande influência do Positivismo.

A partir disto Antônio Carlos R. Moraes trabalha teoricamente o contexto da difícil unificação do Estado Nacional Alemão em contraposição ao Estado Francês com uma base capitalista mais consolidada. Assim é citado o "Determinismo Geográfico" com a teoria do "Espaço Vital de Ratzel" na Alemanha. Estes estudos influenciados pelas

teorias de Lamarck e Darwin coloca, entre outras coisas, a atuação determinante do clima sobre a “preguiça do homem tropical” e o “subdesenvolvimento das áreas tropicais”.

Na França, aparece a “corrente possibilista” cujo expoente máximo é Vidal de La Blache, o qual combaterá as idéias altamente determinantes da “Escola determinista Alemã.”

Dentro deste contexto ocorrem as conferências mundiais de Berlim e de Bruxelas no final do século XIX. É o momento do Imperialismo ou da expansão do Capital monopolista das principais nações européias sobre o continente africano.

As classes representantes dos grandes trustes e cartéis do capitalismo monopolista da sociedade urbana e industrial européia vão atuar numa escala cada vez maior na natureza da África, bem como dos demais países do chamado “Terceiro Mundo”. No fundo é buscada a expansão dos mercados consumidores, além de novas fontes fornecedoras de matéria prima e mão de obra barata.

O capitalismo monopolista norte americano se fortalece com a Segunda Revolução Industrial e se agiganta no bojo das duas guerras mundiais. Além de Hartshorne, colocando a geografia como “Ciência de Síntese”, aparece ainda nos Estados Unidos a Corrente Pragmática ou Utilitarista englobando escolas chamadas de quantitativa, modelística e comportamental.

Sobre a “Escola Quantitativa” Norte-Americana é marcante a implantação de estudos matemáticos, estatísticos e de informática na Ciência Geográfica. Para Armem Mamigonian este é o contexto da Terceira Revolução Industrial, também chamado por outros autores como o início do período da globalização ou da maciça exportação de capitais produtivos dos países mais avançados – via multinacionais ou firmas transnacionais – para muitos países capitalistas subdesenvolvidos.

No Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, é no Campus da UNESP de Rio Claro que os “estudos geográficos quantitativos” serão mais constantes em nível de graduação e pós-graduação.

A “Geografia Modelística”, por sua vez, desenvolverá muitos trabalhos sobre áreas de influência das regiões metropolitanas e sobre a elaboração de regionalizações dentro dos mais variados objetivos.

Ainda dentro da chamada “Geografia Utilitarista”, a “Geografia Comportamental” estabelecerá estudos variados sobre as questões do corpo e da Psiquê Humana a partir da forte influência da Psicologia Behaviorista.

Contrariando em vários aspectos a Geografia Utilitarista aparece, principalmente na Europa, a “Geografia Crítica Radical”. Para muitos, a geografia crítica surge a partir da ala progressista da Geografia Regional Francesa, sendo Pierre George um dos expoentes.

Um dos maiores nomes da Geografia Crítica Mundial é Yves Lacoste. Crítico ferrenho da geografia tradicional, Lacoste critica a geografia conservadora ministrada por professores chamados por ele de “Miopia Social” e denuncia a geografia das grandes empresas monopolistas (conglomerados econômicos) e dos Grandes Estados – Nações. Neste sentido, é frisado por ele que “a geografia serve antes de mais nada para fazer a Guerra.”

Outro grande nome da Geografia crítica Mundial é Jean Tricart com os estudos de Ecodinâmica, onde os estudos de Sociedade e Natureza são vistos e interpretados dentro de esboços metodológicos que tratam a Natureza e a Sociedade dentro de um único conjunto de interdependência.

Milton Santos, por sua vez, é um dos grandes nomes da Geografia Crítica Radical no Brasil. Ele vai estudar profundamente a relação do Materialismo Histórico Dialético aplicado à Ciência Geográfica Brasileira.

Com a instalação da Tecnoburocracia Militar no Brasil (o Golpe Militar de Março de 1964), Milton Santos – como inúmeros outros intelectuais - teve que deixar o país e partir para o exílio.

No exílio, Milton Santos dará aulas nas principais Universidades da Europa e dos Estados Unidos. Somado a isto, Santos participou do corpo editorial das principais revistas de geografia da nação norte-americana e do continente europeu.

Em 1978, a geografia crítica brasileira vive um estado de ebulição com a realização do Encontro da AGB em Fortaleza. A partir de então os grandes nomes da geografia serão -entre outros - Ariovaldo Umbelino, Rui Moreira, Roberto Lobato, Horieste Gomes, Christofolletti Silvo Bray, Maria Encarnação Sposito, etc.

Com a anistia, Milton Santos volta do exílio e publica uma obra considerada como um dos maiores marcos da Renovação da Geografia: “Por uma geografia nova”.

Criticando toda uma gama de conteúdos conservadores ministrados pelo esquema dos governos militares, a década de 1980 assistirá uma grande série dos mais diversificados estudos críticos. Na verdade, verifica-se a partir de então uma unidade ética (luta contra a censura, a alienação e as injustiças sociais) no interior de diversificadas concepções.

O resultado disto é que o pretensão projeto unitário da Geografia crítica brasileira não se efetivou por completo. Exemplo maior é o fato de muitos pesquisadores e autores continuarem uma grande produção científica analisando natureza e sociedade de forma fragmentada e/ou isoladas.

No fundo, as dicotomias entre a Licenciatura e o Bacharelado, a Pesquisa e o Ensino, o Planejamento e a Construção da Teoria Geográfica, bem como entre o Ensino superior e o Ensino de 1.º grau e 2.º grau, ainda persistem dentro da Geografia Brasileira dos últimos 20 anos. (CHAVES, 1994)

Concomitante à Geografia crítica brasileira e mundial, vale aqui acrescentar os estudos individualizados realizados pelos geógrafos pós-modernos do mundo todo. São estudos variados que envolvem questões subjetivas tais como os estudos sobre o corpo, a religião, os costumes, a sexualidade, etc.

Por tudo que foi analisado e pelas transformações de grande vulto que estão acontecendo no mundo e no Brasil dos últimos anos está cada vez mais complexo discorrer sobre a construção do Pensamento e sobre a Natureza e a Sociedade. No fundo, o mundo assiste, cada vez mais, grandes avanços nas áreas de novas fontes energéticas para uma sociedade cada vez mais urbana, industrializada e tecnificada.

Na área da Microeletrônica, o professor italiano Domenico de Masi da Universidade de Roma coloca que os grandes avanços nas áreas dos microprocessadores de quinta e sexta gerações responderá por intensas mudanças na atuação do homem sobre a natureza.

Sobre isto, Milton Santos destaca a grande aplicação de investimentos nas áreas da Ciência, da técnica e da informação, o que responde por uma nova maneira de pensar e de agir sobre a natureza e a Sociedade.

Sobre os avanços recentes da Engenharia Genética (inseminação artificial, estudos do DNA, biodiversidade, etc.) temos variáveis cada vez mais cumulativas que dificultarão ainda mais as análises da geografia dentro do milênio que se aproxima.

O pesquisador Michael Sefton da Universidade de Toronto tem colocado que “não está muito longe o dia que o Cirurgião pegará um órgão no congelador como um mecânico pega um carburador na prateleira, para ambos em situação distintas, atenderem bem aos seus clientes”.

Somado aos intensos avanços técnico-científicos, Iriarte tem levantado também as questões do consumismo cada vez mais exacerbado, da liberdade pessoal ilimitada, das redes de tráfico de drogas e crianças e de “lavagem” de dinheiro ilícitos verificados nas sociedades do mundo.

Milton Santos destaca ainda o desemprego em escala planetária, as migrações de 100 milhões pelo mundo afora, bem como as estruturas etárias com anomalias na distribuição desproporcional entre sexos e idades, além do choque entre instâncias administrativas e a imensa degradação ambiental mundial.

No caso específico do Brasil, a geografia para entender a sociedade e a Natureza, tem obrigatoriamente que entender a intensa urbanização da nação brasileira. Segundo dados de 1998 (FIBGE), o Brasil tem uma sociedade cuja população urbana atinge 79% e cuja população economicamente ativa registra a marca de 26% ocupada no setor secundário.

Dentro do fenômeno da urbanização da sociedade merece destacar o fato de que apenas as 100 maiores cidades brasileiras possuem cerca de 45% de toda população do país, o que responde por enormes impactos ambientais.

Diante de tanta complexidade – no Brasil e no Mundo – o entendimento da Construção do Pensamento Geográfico e da interpretação científicas sobre a Natureza e a Sociedade passam pelas análises de diversas perspectivas: os pós-modernos vêem a questão com um certo grau de pessimismo, enquanto que os neoliberais acham que a tendência do mundo é melhorar. Muitos marxistas, porém, analisam a questão contando com as possibilidades de inúmeros novos conflitos. (Chaveiro, 1994).

Por tudo que foi visto e pela interdependência cada vez maior entre os vários elementos aqui analisados, a construção do Pensamento Geográfico e o entendimento da Sociedade e da Natureza, dentro do Milênio que se aproxima, se dará no bojo de rearranjos extremamente complexos, de múltiplos caminhos interpretativos e de uma enorme gama de novas possibilidades para a compreensão da Ciência Geográfica.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Manuel C. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas: Papyrus, 1989.
- ANDRADE, Manuel C. **Geografia – ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1992.
- ANTÔNIO, Armando P. **O movimento Social e a organização do espaço rural nos assentamentos populacionais dirigidos pelo Estado: os exemplos na Alta Sorocaba no período 1960 – 1990**. São Paulo: 1990. 187p. Tese (Doutorado em Geografia) - USP
- CASTRO, João Alves de **Globalização ou mundialização**. Goiânia: UCG, 1996.
- CHAVEIRO, Eguimar F. **O ensino de geografia e o desenvolvimento do pensar geográfico**. Goiânia, 1996. 147 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFG
- CHAVEIRO, Eguimar F. **Escritos críticos sobre geografia**. Catalão: CAC, 1994.
- CHAVEIRO, Eguimar F. **Geografia: múltiplas teorias**. Goiânia: UFG, 1995.

- CHAVEIRO, Eguimar F. **Pensamento geográfico x espaço e tempo**. São Paulo: USP, 1998.
- CHAVES, Manoel R. Cerrado brasileiro: principais norteadores de sua ocupação. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, setembro 1994.
- CHAVES, Manoel R., ORLANDO, Paulo H.K. A geografia em questão. **Formação**, Presidente Prudente, p. 89 – 98, 1995.
- DAMIANI, Amélia L. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 1991. 107 p. (Coleção Caminhos da Geografia)
- DEMO, Pedro. **Pobreza política**. São Paulo: Cortez, 1988. 111 p. (Coleção Polêmica do Nosso Tempo).
- DOWBOR, Ladislau. **A formação do terceiro mundo**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GOMES, Horieste. A interação homem – natureza e a questão ambiental. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 97 – 109, junho de 1982.
- GOMES, Horieste. **Reflexões sobre a teoria e crítica em geografia**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.
- GONÇALVES, Carlos W. P. **Paixão da terra: ensaios críticos de ecologia e geografia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAMIGONIAN, Armem. Tecnologia e desenvolvimento desigual no centro do sistema capitalista mundial. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 2, p. 38-48, 1982.
- MARTINS, José de S. **Expropriação e violência: a questão da política no campo**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- MASI, Domenico de. Em busca do ócio. **Revista Veja**, São Paulo, p. 40-9, set. 1993.
- MORAES, Antônio C. Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 3 ed., São Paulo: Hucitec, 1986.
- MOREIRA, Rui. Do socialismo utópico ao socialismo soviético. **Teoria e Práxis**, Goiânia, p. 12-31, agosto de 1992.
- MOREIRA, Rui. O homem estatístico. In ____ **O círculo e a espiral**. Rio de Janeiro: Obra aberta, 1993. p. 39-90.
- OLIVEIRA, Ariovaldo de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Atica, 1986.
- OLIVEIRA, Ariovaldo de. **A geografia das lutas no campo**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1993.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo – globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente. **GEOSUL**, Florianópolis, v.3, n.5, p. 85-100, 1998.
- SPOSITO, Eliseo S. De quem é a cidade? In ____ **A vida nas cidades**. São Paulo: Contexto, 1994. p.56-63.
- STÉDELI, José P. A fome e a reforma agrária. **ADVIR**, Rio de Janeiro, v. 09, p. 67-74, nov/dez. de 1996.
- TRICART, Jean. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: IBGE/SUPREN, 1997.